



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ISTÊNIA SILVA SANTOS

**A CRUCIFICAÇÃO DO DIABO: A NARRATIVA DE NEVINHA PINHEIRO EM
FOCO**

**CAMPINA GRANDE
2018**

ISTÊNIA SILVA SANTOS

A CRUCIFICAÇÃO DO DIABO: A NARRATIVA DE NEVINHA PINHEIRO EM FOCO

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras – habilitação em Língua Portuguesa, apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba - Campus I, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Brito Freire (UEPB)

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237c Santos, Istenia Silva.
A crucificação do diabo [manuscrito] : a narrativa de Nevinha Pinheiro em foco / Istenia Silva Santos. - 2018.
39 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Antonio de Brito Freire, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Literatura brasileira. 2. Literatura contemporânea. 3. Teoria crítica feminina. 4. Narrativa. I. Título
21. ed. CDD 808.3

ISTÊNIA SILVA SANTOS

A CRUCIFICAÇÃO DO DIABO: A NARRATIVA DE NEVINHA PINHEIRO EM FOCO

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras –
habilitação em Língua Portuguesa,
apresentado ao Departamento de Letras e
Artes da Universidade Estadual da Paraíba -
Campus I, como requisito parcial à obtenção
do título de graduado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Brito Freire
(UEPB)

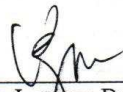
Aprovado em: 28/11/2018.

BANCA EXAMINADORA



9,5

Prof. Dr. Antônio de Brito Freire (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



9,0
1

Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



8,5

Prof. Dr. Roniê Rodrigues da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Primeiramente a Deus, por ser autor do meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia e a minha filha Antonia Dinamene, razão das minhas conquistas, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, com toda a minha verdade existente:

As duas pessoas mais primordiais, que me amaram infinitamente a cada segundo da minha vida e fazem o melhor possível em todos os aspectos, meus pais Ana Maria e Luiz Victor;

Aos que compartilharam comigo a juventude, os aperreios, as reconciliações e o exemplo de que o amor fraternal tudo supera, meus irmãos Luciano, Janaina, Adriano, André e Leidiana;

Ao suave bem, responsável por me conduzir nas curvas apaixonantes e apaixonadas da vida, aquecendo minha alma e tudo o que agora consigo ser;

A todos os professores do curso de Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, por contribuírem com meu crescimento e formação profissional;

Ao professor Antônio de Brito Freire, querido orientador, pela paciência, dedicação e ensinamentos que possibilitaram que eu realizasse esse trabalho. Meu exemplo de pessoa e profissional, poderia dizer que, parafraseando Drummond, outros leram da vida um capítulo, Antônio leu o livro inteiro, daí essa luz natural;

As minhas fiéis amigas Elaine Conceição de Farias e Nathália Pinto Souza que dividiram comigo o espaço democrático da Universidade Estadual da Paraíba, compartilhando agonias, cumplicidades, ideias e acima de tudo irmandade;

Aos membros da comissão examinadora, os professores Dr. Luciano B. Justino e Dr. Roniê Rodrigues da Silva, pela disponibilidade, leitura e colaboração;

A doce escritora Dionné Pinheiro, por disponibilizar informações e documentos que contribuíram para o enriquecimento da pesquisa.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fadigadas.
Nunca me esquecerei que no meio
do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.
(ANDRADE, Carlos Drummond de, 1928)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	A obra em Foco: Câmara Cascudo.....	23
Figura 2 –	Um deboche a sociedade.....	24
Figura 3 –	História do menino diabinho	35

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: A AUTORA NEVINHA PINHEIRO E O ROMANCE DE FICÇÃO.....	15
2.1	Um olhar para a literatura produzida por mulheres na Contemporaneidade.....	18
3	SOBRE A AUTORA: NEVINHA PINHEIRO.....	19
3.1	A crucificação do Diabo: sobre poucas e boas críticas.....	21
3.2	Romance de ficção: brasilidade e originalidade em “A crucificação do Diabo”	24
3.3	As aventuras de um diabinho na obra de Nevinha Pinheiro: “A Crucificação Do Diabo”.....	28
3.4	A narrativa de Nevinha Pinheiro.....	31
4	UM FOLHETO DE CORDEL SOBRE: A História do Menino Diabo.....	35
5	CONCLUSÃO	36
	ABSTRACT.....	37
	REFERÊNCIAS	38

A CRUCIFICAÇÃO DO DIABO: A NARRATIVA DE NEVINHA PINHEIRO EM FOCO

Istênia Silva Santos¹
Antonio de Brito Freire²

RESUMO

O pós-modernismo está presente neste artigo como um movimento-social, abrangendo suas várias características e instâncias. Na literatura contemporânea, abordaremos peculiaridades e singularidades próprias de uma escritora que adota um estilo de romance clássico ficcional centrado na estética. Paralela a esta discussão, levanta-se a importância da contemporaneidade e das pesquisas direcionadas a novas escritoras como forma de estabilizar e dar voz a sua presença literária. A literatura feminina está conquistando lugares antes desconhecidos, a abrangência no campo literário está sendo de fundamental importância para que obras antes desconhecidas, alcancem um público cada vez maior, fazendo com que escritoras afastadas dos grandes centros tenham a oportunidade de publicarem suas obras. Dessa forma, esse artigo busca refletir sobre uma produção literária feminina e, sobretudo, busca também analisar rupturas na estrutura tradicional da narrativa bíblica presente na obra “A Crucificação do Diabo” (1978), da crítica literária Nevinha Pinheiro. As reflexões aqui apresentadas, se dão a partir de conceitos definidos por teóricos da pós-modernidade, bem como pela Teoria Crítica Feminina, destacando aspectos sociológicos, sistematizado a partir do modo de representação dos gêneros e da construção de identidade feminina. Abordando também aspectos estéticos, no qual a narrativa se apresenta como uma das principais estratégias do pós-modernismo de subversão e de problematização e das limitações da representação literária.

Palavras-Chave: Literatura, Contemporânea, Paraibana, Crucificação e Diabo.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre literatura brasileira produzidos no Estado da Paraíba recaem, em sua maioria, sobre autores do gênero masculino, sobretudo, aqueles que pertencem à tradição literária já consolidada na república das letras. De acordo com Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1984) essas “tradições que parecem ou são consideradas antigas, em sua maioria, são bastante recentes, quando não inventadas”.

Assim, encontramos em Nevinha Pinheiro além da manutenção de uma tradição pautada no viés religioso envolvendo tanto Deus como o Diabo numa tentativa de romper com a tradição da querela entre ambos, promovendo o encontro e a vivência entre o sagrado e

¹Aluna de Graduação em Letras – Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – *Campus I*.
Email: isteniasilva@bol.com.br

²Professor, Doutor, Orientador, Antonio de Brito Freire, da Universidade Estadual da Paraíba – *Campus I*.
Email: antogilz@bol.com.br

o demoníaco em diálogos e peripécias que servem como pano de fundo para a humanização do diabinho e de Jesus.

Estas tradições têm suas imbricações pautadas em coisas que já existiram e que de certa forma reinventam-se como uma espécie de “passado conveniente”. Mesmo assim, entende-se que precisa-se de uma “certa ordem” para a manutenção dessa tradição.

É aí que percebemos a singularidade de Nevinha Pinheiro por entendermos que em seu romance, “A Crucificação do Diabo” ela vai rebuscar nessa ordem da tradição religiosa uma espécie de “mapa da desleitura” na leitura inversa dessa tradição. Nevinha Pinheiro coloca o diabinho como o precursor de uma relação fundamentada em suas próprias experiências em peripécias de menino astuto e levado.

Entendemos que esta ruptura que Nevinha apresenta na “Crucificação do Diabo” busca de certa forma confrontar as “tradições inventadas que têm funções políticas e sociais” consideradas imprescindíveis na organização social.

Quando abordamos a questão das tradições nos referimos obviamente à ruptura que Nevinha encampa em seu romance por dar “conta da repetição da tradição”, do passado cristão, a partir da existência de Jesus e do Diabo, mas colocando ambos como crianças, como amigos, ombro a ombro, na sobrevivência cruel do mundo que a eles pertence, mas que aparece como um mundo desconhecido pronto para ser explorado e vivido por ambos ainda crianças.

Deste modo, atentando para esta questão da quebra e, ao mesmo tempo, da manutenção de uma tradição é que encontramos em Nevinha Pinheiro um dualismo, uma ambivalência onde ao mesmo tempo em que mantém a relação Jesus versus Diabo, um santo, outro demônio, conforme a tradição, cada um em sua abrangência de crenças, torna claro a sua perspectiva como escritora de humanizar a ambos transvestindo-os das mazelas humanas, tais como frio, fome, sede, desejos, locomoções e sentimentos.

É nesta seara de manutenção e ruptura com a ordem da tradição, que Nevinha desponta como uma escritora singular no âmbito da literatura brasileira em que as escritoras não encontravam espaço para deflagrarem sua inquietação política e religiosa.

Deste modo, em anos políticos tão acirrados, de regimes ditatoriais impregnados na forma de pensar a vida através da arte da literatura, anos 70, mais precisamente em 1978, ano da publicação da “Crucificação do Diabo” a produção escrita da mulher é ínfima em termos de quantidade e ganha pouco destaque na produção literária brasileira, e, sobretudo, na produção literária paraibana, principalmente no âmbito acadêmico, no qual é perene a crítica

indicar para estudos e pesquisas apenas os escritores que integram o cânone, em sua maioria, homens, o que acabou por formatar uma lista de nomes já consolidados.

No entanto, o que nos chama atenção é que, de acordo com nossa pesquisa, constatamos que há uma grande e frutífera produção literária da paraibana da cidade de Serra Redonda, Nevinha Pinheiro, tanto no que diz respeito a textos ainda inéditos, quanto na publicação de vários artigos e entrevistas sobre Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo, Josué Montello, Clarice Lispector entre outros que foram alvos tanto da crítica de Nevinha quanto de suas diversas entrevistas como jornalista de grandes jornais de circulação nacional.

Entendemos que é imprescindível uma abertura para que a crítica literária possa fomentar pesquisas que sejam direcionadas à produção literária de mulheres e é neste sentido que chamamos a atenção à produção literária de Nevinha Pinheiro, para que haja um aumento gradativo de estudos e pesquisas que façam despertar o interesse de leitores para a importância de suas produções.

A relevância do presente artigo reside no fato de refletirmos sobre a produção literária de uma autora da Paraíba, sobre a qual não há, até o momento, nenhum trabalho de abrangência acadêmica dedicado à reflexão crítica do livro, “A Crucificação do Diabo” o qual a nosso ver ficou fadado ao esquecimento, ao descaso.

Assim, conforme a escassez ou pouco enfoque de análises críticas sobre a obra em foco é que se dilacera uma crise mais abrangente e contundente para que possamos pensar o papel da escritora paraibana na produção literária brasileira. Deste modo, é necessário refletirmos sobre o espaço que Nevinha Pinheiro ocupou e ocupa nos estudos literários, o que a nosso ver, não é compatível com a importância da obra aqui em estudo.

Nossa intenção, no presente artigo, é tornar visível, é evidenciar a qualidade da obra supramencionada da escritora paraibana “Nevinha Pinheiro”. Objetivamos com o presente artigo tornar presente um debate literatura paraibana destacando não apenas a presença, mas a qualidade da obra da escritora de Serra Redonda.

Nossa crítica no presente artigo não busca apenas criar uma crise em relação à desatenção da crítica literária no tocante à produção de Nevinha Pinheiro, nem tão pouco compará-la à produção de outros autores, com suas respectivas obras, mas sim, fazer uma espécie de apresentação que possa resultar na defesa da importância da “crucificação do diabo” por ser uma produção literária de qualidade e que mesmo sendo produzida num grande centro, no eixo sul-sudeste, por uma editora de renome internacional, a editora moderna, acabou não ganhando o devido espaço literário.

Indicamos que a maior qualidade de Nevinha está presente a partir dos novos modos de reflexão sobre o sagrado e o demoníaco como máculas fundantes de seu fazer literário cujo modelo de abordagem em sua organização literária revela sua veia estética.

Ou seja, seria necessário desconsiderarmos “os modelos de valorização das grandes obras” impostos pela crítica tradicional para que pudéssemos sugerir um novo conceito de literatura respeitando as diversas produções de diversos autores de diversos Estados.

Afinal, a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros, o que significa que determinadas produções estão excluídas de antemão (DALCASTAGNÉ, 2012, p.12).

A literatura produzida por mulheres embora não necessite da autorização do cânone masculino para ser efetivada, para ser escrita, precisa passar, obrigatoriamente, por um funil excludente da crítica masculina para que possa ganhar notoriedade.

No entanto, a obra “A Crucificação do Diabo” (1978), apresenta um diferencial. Nos bastidores de grandes nomes da literatura brasileira, Nevinha Pinheiro, em diálogos e correspondências, foi acobertada, referendada, incentivada, analisada e elogiada, mesmo que através de cartas pessoais, por excelentes críticos de nossa literatura brasileira. Grandes cânones reconhecidos no meio acadêmico, a exemplo de Carlos Drummond, Erico Veríssimo, Ariano Suassuna, Câmara Cascudo, Josué Montello etc., foram fundamentais no incentivo e motivação à produção de Nevinha Pinheiro.

As “formas de consagração” no entorno de uma determinada obra são práticas indispensáveis que reforçam o poder do cânone e revelam a flagrante e frequente colaboração para apagar ou fazer emergir sujeitos que estão à margem do interesse da crítica canônica.

A análise, o comentário de um autor reconhecido nacionalmente embora seja o demarcador da importância de uma ou outra obra, a nosso ver, não pode ser o principal indicador da qualidade desta obra e nem tão pouco pode configurar, também, o aspecto redutor da obra.

A obra de Nevinha Pinheiro, “A Crucificação do Diabo” (1978) é narrada em um dos Estados da região nordeste do país, Paraíba, região considerada pobre e com grande índice de analfabetismo e é um dos Estados que integram do polígono das secas. Entenda-se o polígono das secas como uma região concentrada no nordeste e parte do Sudeste com alto índice de seca. É uma área de 1.348 municípios localizados nos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais.

A literatura produzida por mulheres, embora venha, aos poucos, conquistando espaços e estabelecendo mudanças que são pontuais na qualidade de suas produções, ainda sofrem discriminações e têm que concorrer com a tradição literária masculina.

Na obra “A Crucificação do Diabo” há uma relação que é estabelecida entre estilos, gêneros e tradições de textos literários e um dos temas recorrentes é o demoníaco em suas diversas representações tais como o diabo, o diabinho, o mal, o satanás, o demônio e isso fez com que a obra passasse por uma insatisfação crítica ou uma espécie de recusa da obra por parte da tradição cristã.

“A Crucificação do Diabo” abre, portanto, possibilidades de um confronto em diálogos pertinentes com textos religiosos, textos bíblicos, mais precisamente o novo testamento em suas novas versões literárias e culturais, as quais remontam o calvário de Jesus Cristo.

Sendo assim, o demoníaco, o sagrado presente no campo literário não estão limitados apenas à abordagem dentro da religião formal, tornou-se um tema polêmico em diversos campos do saber porque passou a ser uma recorrência de muitas narrativas literárias para despertar o imaginário das mais diferentes camadas da nossa cultura.

O romance ficcional em estudo apresenta enfoques teóricos que encampam tanto a intertextualidade quanto a interdiscursividade. Estas premissas teóricas estão voltadas, fundamentalmente, para uma literatura fundada na verve intercultural que está demarcada, sobretudo, pela oralidade nordestina presente na forma de diálogo que a obra propõe não apenas pelo linguajar simples utilizado, mas, sobretudo, pela inovação que a obra propõe ao intercalar o discurso erudito com o popular na presença marcante tanto de frases e títulos em latim quanto da intercalação de um folheto de cordel no corpus do romance em forma de capítulo.

Neste diálogo intercultural, a novidade está nesta presença do popular e do erudito. O popular está presente na linguagem utilizada ao longo da obra e na presença da literatura de cordel que se faz viva no folheto que a autora dispõe como um capítulo para seus leitores. Já o erudito se faz presente nos textos clássicos religiosos e na linguagem da narrativa que serve de premissa para frases escritas em latim, as quais, muitas vezes, dão títulos aos capítulos ou servem para ilustrar debates entre os protagonistas. Este diálogo entre o clássico e o popular propõe leituras e interpretações interculturais conforme a própria autora sugere.

A linguagem literária utilizada por Nevinha Pinheiro, na obra em estudo, tem como maior destaque o seu caráter ficcional, o que de acordo com Aguiar e Silva (1976) pode ser

considerada “plurisignificativa porque nela o signo linguístico, os sintagmas, as frases e as sequências transfrásicas são portadores de múltiplas dimensões semânticas” (1976, p.51).

Sendo assim, Nevinha Pinheiro, apresenta em seu livro, diversos caracteres que realçam componentes diferenciadores de linguagens tais como, escrita criativa, mímese e conotação. As narrativas clássicas contemporâneas, nos levam a “mares nunca dantes navegados”, repleto de mistérios e acontecimentos. Entender a narrativa de Nevinha Pinheiro, em “A Crucificação do Diabo” a nosso ver, é fundamental para que possamos potencializar o imaginário e viajar sob o comando do narrador que faz despertar uma literatura cheia de simbolismo num romance repleto de significações.

2 LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: A AUTORA NEVINHA PINHEIRO E O ROMANCE DE FICÇÃO

A empregabilidade do termo pós-modernismo em países dissociados do grande eixo que engloba países do primeiro mundo é uma atividade teórica polêmica e complexa, uma vez que alguns estudiosos negam esse conceito no tocante a alguns países subdesenvolvidos.

Essa afirmação aponta para o fato de que “a literatura, parece ser uma disciplina vaga e mal definida” (WELLEK: WARREN, 1983, p.35). É neste sentido, que a escritora Linda Hutcheon (1995) afirma que, esse movimento contemporâneo “é basicamente europeu e americano” (HUTCHEON, 1995, p.20). Ainda mais radical, Frederic Jameson diz que o pós-modernismo é “essencialmente norte-americano” (JAMESON, 1994, p.136).

É neste confronto de uma literatura de vanguarda fundada nos moldes do primeiro mundo, de uma literatura que dita as normas canônicas para a indicação ou não de aceitabilidade da obra para os demais mundos, que o escritor indiano, Aijaz Ahmad, faz uma fremente defesa da necessidade de considerarmos a existência de uma literatura produzida por países de terceiro mundo. Esta literatura de terceiro mundo, ao ver deste crítico, teria que trazer, em seu bojo, a conjuntura crítica em sua originalidade para romper com o etnocentrismo, ou seja, com este olhar que vem de cima para baixo.

Este olhar inviesado, do maior para o menor, do influenciador para o influenciado é um fator preponderante que impede os escritores tidos como maiores de não observarem nem considerarem os avanços significativos nos países de terceiros mundos, os quais têm plena capacidade de produzir não apenas suas obras, mas, sobretudo, de construir uma crítica com estudos voltados para as próprias produções literárias destes países considerados como de primeiro mundo.

Dois outros grandes autores também se destacam em suas discussões em relação ao pós-moderno na América Latina. O primeiro, Nestor Garcia Canclini, se refere à questão da hibridização cultural como sendo essencial para o pós-modernismo. No que diz respeito ao desenvolvimento, Canclini atenta para a heterogeneidade latino-americana própria de cada país:

Hoje concebemos a América latina como uma articulação mais complexa de tradições e modernidades (diversas, desiguais), um continente heterogêneo formado por países onde, em cada um, coexistem múltiplas lógicas de desenvolvimento. Para repensar essa heterogeneidade é útil a reflexão anti-evolucionista do pós-modernismo, mais radical que qualquer outra anterior (CANCLINI, 1997, p.28).

Assim, Canclini relaciona o pós-moderno com a multiplicidade cultural e com o desenvolvimento da indústria cultural da América Latina, esse misto torna-se algo que está altamente ligado à proposta do pós-moderno.

A segunda escritora a se destacar dentro desta discussão do hibridismo cultural é Irlemar Chiampi (1996), a qual analisando o romance do pós-boom, hispano-americano, procura destacar a aproximação do erudito com o popular.

Essa aproximação é caracterizada pelo deslocamento do material exclusivo da cultura popular massiva que tem como objetivo a inserção no código culto da enunciação narrativa. Desta forma, Chiampi discute com elementos ditos como “espúrios”, “alienantes”, “adulterados” e afirma que tais termos são reutilizados de acordo com o contexto e que termos como estes podem variar de acordo com a narrativa e sua incorporação. No tocante a esse processo ela nomeia de “repragmatização”, ou seja, uma nova forma de reorganizar ou redefinir um assunto.

Para Chiampi, não existe motivos para preservar diferenças entre erudito e popular, pois “sua identidade e legitimidade ficam comprometidas pelo contágio” (CHIAMPI, 1996, p.83), não podendo voltar ao seu estado original por terem sido contaminados um pelo outro.

Essa contaminação dá início a uma nova tendência, o pós-modernismo:

O lixo cultural, cuja presença a cultura hegemônica foi tolerando na época moderna desde que se mantivesse em territórios bem definidos – onde o contágio não ameaçasse a pureza das expressões culturais genuínas e nobres, as do Folclore e da Arte, o popular e erudito -, parece experimentar dias de glória que transcendem sua condição de resíduo. (CHIAMPI, 1996, p.76).

O termo pré-modernismo começou a ser difundido em 1939 por Tristão de Athayde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, 1893–1983). Esse período da Literatura Brasileira foi

mais que um “simples anteparo do modernismo” (PASSIANE, 2003, p.22), foi um movimento que propunha novidades, anunciava elementos estéticos e temáticos. Esse movimento acomoda inovações referentes tanto a um projeto político, quanto a um projeto estético.

Do ponto de vista político, esse “movimento” apresenta rupturas imprescindíveis, já que, aos olhos dos países mais avançados, encarados como de primeiro mundo, os países marginais não se encontram no mesmo nível de democratização e modernização artístico-literária que eles.

Observando as diferenças sociais e culturais entre os dois mundos, percebemos que indiscutivelmente existem características que são peculiares de uma dada realidade social de cada país.

As manifestações estéticas de acordo com os moldes da art nouveau (Arte Nova), se inseriram no campo da produção literária como tentativa de explicitar não apenas as produções literárias, mas, sobretudo, expor o nível de conhecimento de cada país através da utilização de uma linguagem nova também peculiar à realidade político-social destas nações. Portanto, foi neste sentido que a “narrativa literária [...] se mostrou explicitamente como uma ferramenta para o conhecimento das condições reais” (PASSIANE, 2003, p.44–45) destas nações.

Estas manifestações artísticas, principalmente no Brasil, aparecem como marcas representativas de uma espécie de repúdio ou de confronto cultural cuja bandeira de luta era rever a importância de determinados movimentos e, sobretudo, barrar a dominação de movimentos artísticos oriundos da realidade europeia ou norte-americana.

É sem dúvida alguma, este o momento crucial em que os artistas, os autores brasileiros passam a discutir o papel do escritor, do artista brasileiro e passam a propor a partir de então, uma espécie de produção literária fundamentada na realidade nacional. Assim, surge a necessidade artística de um resgate das raízes culturais brasileira a partir da construção de um ideal mais avançado de nação e de identidade nacional, o que por si só, estabelece o rompimento com os ideais românticos advindos da Europa.

É neste turbilhão de repúdios e de buscas de identidades culturais que se estabelece no campo político, principalmente dos anos 1964-1985, a famigerada censura, a qual passa a atuar como um fator excludente representativo do Estado.

Esta censura instalada à luz de uma ditadura política tinha como objetivo primordial monitorar toda e qualquer forma de produção artístico - cultural. Há uma grande divergência entre os artistas e os órgãos de censura que visavam exclusivamente restringir as intenções

críticas das produções culturais. Em 1975, esta censura desperta a revolta da população que leva o Estado a incentivar a cultura popular. Porém, sem incentivo financeiro, origina-se a literatura marginal, a qual com recursos próprios se fortalece com o apoio da massa.

Com relação ao ponto de vista estético, a literatura contemporânea passa a incorporar elementos coloquiais da língua se adaptando a uma narrativa breve, simples e reflexiva. As principais propostas da literatura contemporânea são: a rapidez, a brevidade do ritmo no texto literário. Há uma inovação na redução dos textos e na incorporação das crônicas como gênero literário.

A principal preocupação destes novos autores é aproximar o leitor do texto fazendo com que este leitor seja parte integrante da criação. Podemos elencar várias inovações tais como: diversificação do léxico pré-modernista pela incorporação do regionalismo, estrangeirismo, gírias, expressões populares e neologismo.

Deste modo, é possível vislumbrarmos a partir deste momento, um conglomerado de multiplicidades tanto no campo político quanto social ou artístico.

2.1 Um olhar para a literatura produzida por mulheres na contemporaneidade

A voz feminina na literatura brasileira aparece um pouco calada, um pouco silenciada devido as implicações da formação de uma sociedade machista que dá pouca visibilidade à produção feminina. Seria, a nosso ver, este anuviamento político o principal motivo de ausências de debates mais pertinentes sobre essa ausência tão marcante.

Essa voz presente, mas abafada e muitas vezes calada e apesar de sua legitimação no seu discurso, não ocupa o lugar que emerge de sua participação e produção na construção da História da literatura.

Mesmo que algumas obras de produção feminina sejam trabalhadas no âmbito escolar, percebemos que ainda perdura uma predominância marcante da literatura de autoria masculina.

Para que seja assegurado o direito de voz é preciso que se combata este silenciamento. O sujeito ao falar e fazer uso de sua voz se reveste de um poder advindo do lugar que ocupa na sociedade. A nosso ver, este silenciamento abrupto e proposital, da voz feminina que muitas vezes soa como subalterna perante a voz masculina pode sofrer delimitações em razão de sua raça, de sua classe e do seu gênero, os quais o definem como paradigma do discurso proferido.

No entanto, a literatura produzida por mulheres, tem reagido positivamente às configurações sócio-culturais da pós-modernidade e cada vez esta literatura ainda escassa vem sendo alvo de críticas positivas das próprias mulheres que sentem-se representadas ao serem analisadas e criticadas por elas mesmas.

As leituras analíticas dessas obras literárias produzidas por mulheres, têm como principal função o despertar para as mais diversas percepções literárias corroborando com a colocação de Jauss que diz “a leitura é uma experiência de libertação das exigências da adaptação, preconceitos e constrangimento da práxis da vida, a possibilidade de renovação da percepção das coisas” (JAUSS, 1993, p.34).

No tocante ao conceito de representação da literatura feminina, poderíamos apontar múltiplas significações, dentre elas a representação da realidade visível que conforme Chartier, pode ser considerada como “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente” (CHARTIER, 1990, p.10). Tais representações são variadas e determinadas por grupos, onde o poder e a dominação se fazem presentes.

No conceito pós-moderno ou contemporâneo, a crítica literária feminina surge com a intenção de desorganizar a legitimidade da representação, ideológica e tradicional da mulher na literatura.

Pensar sobre a literatura escrita por mulheres no contexto chamado pós-modernidade, nesses tempos marcados por posições ideológicas é ter em mente que elas, as mulheres, apesar das grandes dificuldades “desejam contestar os modos culturais dominantes (patriarcado, capitalismo, humanismo, etc.), ao mesmo tempo sabendo que não pode se desembaraçar completamente deles” (HUTCHEON, 1995, p.2).

3 SOBRE A AUTORA: NEVINHA PINHEIRO

O desenrolar dos acontecimentos de uma vida pode ser organizada numa empolgante narrativa, podendo disputar com a literatura ficcional em atração e interesse, “não porque apresente uma sequência lógica de acontecimentos, mas, ao contrário, pelo descontínuo e aparentemente desconexo de sua narrativa” (TAVARES, 2017, p.35).

“Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção (BOURDIER, 1996, p.185), pode se constituir numa representação comum da existência, comum demais para ser verdadeira e comportada demais para ser real. Aliás, como Chartier (1991) afirma, não há

“prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é deles”.

Observando os múltiplos caminhos que compõem a existência de um indivíduo, apresentaremos alguns aspectos comportamentais, sobre suas produções intelectuais e seus trabalhos e sobre seu personagens de ficção.

Caminheemos, pois, pelos caminhos literários de Nevinha Pinheiro: Maria das Neves Pinheiro (1935-1996), filha de Luis Biu Pinheiro de Lima e Maria Pinheiro de Lima, nasceu em Serra redonda, interior da Paraíba.

Toda família Pinheiro foi sempre amante da leitura. Foi nesse ambiente que Nevinha, recebendo o exemplo dos mais velhos, despertou desde muito cedo o gosto pela literatura e, através desse seu gosto, foi desenvolvendo habilidades e competências com as práticas da leitura e da escrita. Quando criança participava de peças de teatro na sua pequena cidade. Decorava textos inteiros das peças e longos poemas para declamar em ocasiões festivas da cidade.

A família sempre teve princípios cristãos e Nevinha acolheu com seriedade toda formação moral e religiosa da família e da Igreja, o que fez com que ela mais tarde se rebelasse contra todo esse sistema ortodoxo ao abandonar a fé católica. No ano de 1975, seguiu o Seicho-no-ei, depois a sociedade Teosófica e a Ordem Rosa Cruz, organização internacional de caráter místico.

Nevinha Pinheiro cursou o ensino primário no Grupo Eduardo Medeiros, na cidade de Serra Redonda, em seguida foi estudar no Liceu Paraibano, de João Pessoa onde fez o ginásio. Lá, seus dons literários se destacaram e chamaram a atenção de seus professores. Concluiu o ensino Médio na cidade de Campina Grande-PB. Após conclusão do ensino médio foi para o Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro solidificou seu gosto pela leitura e aprofundou seus estudos cursando “Língua e Literatura Português”, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

As primeiras experiências profissionais de Nevinha Pinheiro foram na Fundação Nacional de Arte (Funarte), na fundação Casa Rui Barbosa e no jornal “O dia”, onde trabalhou como arquivista, pesquisadora e colaboradora de “O Livro”, como crítica literária de 1976 a 1977.

Apesar de ser formada em Letras, sempre trabalhou como jornalista, daí o direito de ter o registro profissional. Além de trabalhar como arquivista, pesquisadora e revisora, trabalhou como colaboradora em vários jornais do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas Gerais. No Rio trabalhou na Tribuna da Imprensa e no Jornal do Brasil, em São Paulo, no

Estadão de São Paulo, especificamente no Jornal da tarde e aos sábados, fazendo críticas literárias no Estado de Minas, em Belo Horizonte. Também trabalhou no Jornal de Letras e Artes no Rio, fazendo análises de livros e escrevendo ficção. No jornal do País – Nas Bancas – escreveu durante vários anos, semanalmente, fazendo críticas literárias, artigos e entrevistas com escritores.

Em 1992, ela recebeu a incumbência de fazer entrevistas com líderes religiosos sobre misticismo e religiões, contudo, terminando o trabalho, não foi possível publicá-lo. Foi nesta época que Nevinha entrevistou o escritor Alceu de Amoroso Lima. Em 1993 esta entrevista foi publicada na revista “Vozes Cultura”, merecendo a primeira página da revista.

No ano de 1987, Nevinha colaborou com a produção do samba-enredo e para a temática da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Com a participação e colaboração da pesquisa de Nevinha sobre Carlos Drummond de Andrade, a escola ganhou o bicampeonato. O tema-enredo foi sobre Carlos Drummond de Andrade, poeta com quem Nevinha se comunicava e era uma exímia crítica literária de sua poética.

O Samba Enredo de 1987 – No Reino das Palavras, Carlos Drummond de Andrade tem a colaboração incisiva da escritora Nevinha Pinheiro.

A escritora e crítica literária Nevinha Pinheiro escreveu vários livros além do “A Crucificação do Diabo” o qual será foco de nosso estudo. Dentre os tantos livros escritos é de sua autoria o livro sobre o Rio de Janeiro, “Romance de nome Rio”, “O filho da Terra e o vento”, escrito no ano de 1992. “Pulsações” (uma coletânea de contos) e “Mergulho, Pegadas e Vôos”, que não foram publicados e que se encontram no acervo cedido pela família Pinheiro à UEPB.

Pois bem, a partir daqui nos deteremos exclusivamente a apresentarmos com uma breve leitura a sua obra, “A Crucificação do Diabo” publicada no ano de 1978 pela editora moderna. “A Crucificação do Diabo” romance de ficção, parece ter tido uma boa aceitação do público literário do Rio de Janeiro. Esta boa aceitação à obra da autora paraibana, a nosso ver, se dá devido a qualidade de sua obra, mesmo assim, a crítica foi escassa.

Alguns autores da literatura brasileira emitiram mesmo que apressadamente algumas críticas em relação ao seu livro.

3.1 A crucificação do Diabo: sobre poucas e boas críticas

Exporemos a seguir algumas críticas que consideramos pertinentes em relação ao seu livro:

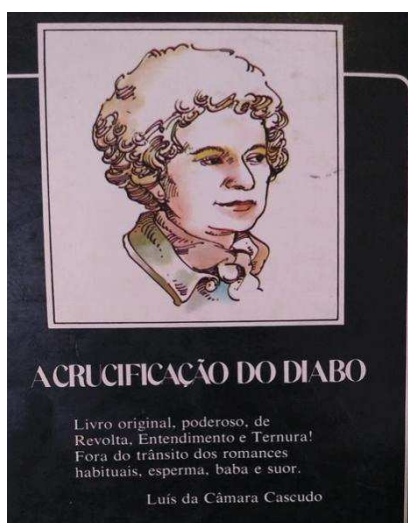
Segundo a própria escritora, a melhor crítica do Rio de Janeiro sobre o seu romance foi a do espiritualista (deficiente visual) Milleco, o Luis Antonio Milleco (1932–2015), musicoterapeuta, médium, escritor e conferencista espírita brasileiro.

Conforme nossa pesquisa o que mais chamou a nossa atenção foi o fato deste crítico ser um deficiente visual e pautar sua crítica a partir da oralização (Cf. JUSTINO, 2015) do livro reproduzida em uma fita kassete. O referido crítico ouviu a leitura da obra por alguém e a partir daí fez a sua crítica sobre a obra de Nevinha Pinheiro: “A Crucificação do Diabo é um livro capaz de arrepiar os cabelos e despertar anátemas de todas as ortodoxas religiosas tradicionais. Obra inteligente contém várias mensagens subliminares[...] começando pelo fim, a gente percebe que o Diabo é tudo o que contraria o pré-estabelecido, o status quo, é tudo que ameaça a estabilidade das coisas estratificadas [...] o Cristo que o livro apresenta é um Cristo acomodado... amolentado...distante...do mundo, ao passo que o diabinho, o diabrete, pelo contrário, é uma personalidade plenamente identificada com as necessidades do mundo, com as traquinagens de todas as crianças [...] parabéns a escritora Nevinha Pinheiro e que continue a transmitir recados ao mundo” (1981).

Outro elogio, ainda que rápido sobre a obra de Nevinha Pinheiro foi de Ariano Suassuna, comentário que vem como epígrafe em seu livro: “... saibam desde agora, porém, que, nesta obra, o Brasil, o Diabo, os anjos (...) somos, todos, vistos como herdeiros! Entendeu? Entendeu o alcance dessa ideia?”

Também escreveu sobre o livro de Nevinha Pinheiro nada mais nada menos que o estudioso do folclore brasileiro, Luiz da Câmara Cascudo, comentário disposto na contra capa do seu livro “A Crucificação do Diabo”:

Figura 1 – A obra em foco: Câmara Cascudo



Fonte: A crucificação do Diabo (1978)

Nevinha concedeu algumas entrevistas sobre o seu livro. Destacamos uma cedida à Irene Dias Cavalcante (1927), poetiza, romancista, jornalista e advogada. O que mais chamou nossa atenção nesta entrevista foi o fato da entrevista ser intitulada como: “Nevinha Pinheiro debocha a sociedade e faz uma defesa da mulher”.

A nosso ver, dois paradigmas que não eram comuns “debochar e defender” em obras escritas por mulheres. Sabemos que de certa forma a obra de Nevinha confronta não apenas a igreja católica, mas acaba por colocar a mulher escritora no centro de uma discussão que era pertinente apenas a escritores.

Dentre alguns tópicos da entrevista, a jornalista Irene Dias interroga Nevinha sobre a presença de “Deus e o Diabo: A Destruição dos Mitos” na obra. Sabemos que em anos de chumbo, de censura, não era comum uma mulher do interior da Paraíba se aventurar a escrever livros e ainda mais com uma temática tão incomum para escritoras. Esta temática fugia dos parâmetros tradicionais em que Jesus, para os cristãos é o que é e ponto, o diabo para os cristãos é o que é e ponto.

Sabe-se que a quebra destes paradigmas enseja muito mais do que a quebra da crença o que leva a jornalista Irene Dias, a aprofundar a entrevista abordando a questão da temática do “Evangelho às Avestas”, o que faz com que Nevinha Pinheiro saia do eixo das escritoras convencionais que consideravam o avesso do evangelho uma espécie de pecado capital, um pecado imperdoável. Abaixo segue uma cópia da entrevista:

Figura 2 – Um deboche a sociedade



Fonte: Jornal a União (s/d).

Outra abordagem que merece destaque é a leitura do escritor e secretário da cultura do Estado da Paraíba, Lau Siqueira (1957), o qual publicou um artigo intitulado: “Drummond nunca esteve em Serra Redonda”, disponível no site: <https://paraibaja.com.br/drummond-nunca-esteve-em-serra-redonda/>

Outra referência é a entrevista cedida pelo prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães, ao jornal JPB, 1ª Edição no dia 14 do agosto de 2015 no qual o professor ressaltou a importância de Nevinha Pinheiro não apenas para o jornalismo, mas para a literatura paraibana e literatura brasileira.

3.2 Romance de ficção: brasilidade e originalidade em “A crucificação do Diabo”

O Romance de ficção de Nevinha Pinheiro “A Crucificação do Diabo” revela uma escritora preocupada com técnicas narrativas dialogais, conforme a autora mesma define.

A nosso ver, estas técnicas narrativas dialogais incorporam uma preocupação da autora de demarcar-se e demarcar um tempo em que a fé, nas entranhas do interior brasileiro é a marca maior dos sobreviventes da seca no polígono das secas, mais precisamente na Paraíba. Estas técnicas de narrativas dialogais são as marcas que a escritora expõe na forma de encarar e descrever o cotidiano de certa região.

O mais fascinante e inovador na obra de Nevinha Pinheiro é a presença de “vozes que gritaram aos nossos ouvidos e que chamaram a nossa atenção” (FREIRE, 2016, p.25), que almeja dizer algo mais do que podia dizer uma mulher nestes anos de chumbo, nos anos da ditadura. Nevinha como crítica literária e romancista encara o dualismo presente nesta mácula da ditadura, não apenas da ditadura de um regime militar, mas, sobretudo, da ditadura da escrita masculina e passa a lutar por um espaço para poder dizer algo mais do que precisava ser dito.

É neste sentido que Nevinha faz questão de incorporar expressões autenticamente regionalistas – o que imprime ao conjunto de seu romance uma originalidade sem precedentes.

Em “A Crucificação do Diabo” a autora revela a vida humilde de algumas pessoas da região nordeste do Brasil, mostra um lugar com pessoas “cheias de necessidades”, envolvendo durante a narrativa aventuras típicas de uma “gente” própria daquela região. Ela segue desmascarando seus ridículos e seus preconceitos, com uma linguagem ousada e encarna o

ideal de uma linguagem literária brasileira fundamentada na experiência das pessoas e seus lugares.

Um diabinho encontra-se com o Menino Jesus no Nordeste e os dois passeiam juntos pela terra da autora. O diabinho “malandro” dá jeito de suprir suas necessidades e as do menino Jesus “careta”. Envolvem-se em aventuras, até que o pequeno demônio singelo imita a história de Cristo.

Tendo Nevinha Pinheiro nascido em Serra redonda, na Paraíba, onde costumava ouvir o tio materno cantar o Evangelho em versos, acompanhado da viola e frequentado mais tarde um Curso de Letras, no Rio de Janeiro, na UERJ, suas experiências do interior e da metrópole estão presentes no livro quando se apoia em sua narrativa nas verves popular e erudita.

A sua concepção sobre História apoia-se no seu entendimento sobre cultura popular. Poderia se indicar um método oposto ao dela que poderia ser visto como habitual. Há, parecidos, uma intenção clara, em sua obra, de inverter o conformismo dos mitos populares, a partir de uma técnica, na qual se possa encontrar certo didatismo desejoso de enxertar discussões intertextuais.

Assim, a presença do cordel e do clássico nesse procedimento didático (ora com linguagem devastadora, ora com linguagem simples em frases curtas, capítulos breves e muitos parágrafos de uma só frase. Na obra não faltam cacótes universitários, não faltam gírias, o que a nosso ver, resulta numa obra profundamente “ingênua” porque faz o elogio do paraíso perdido da infância o que faz com que os protagonistas diabinho e Jesus se encontrem como crianças. O tom dos movimentos e das cores parece traçado por uma professora primária encantada com meninos travessos cujos padrões não conseguem atingir.

Talvez o sintagma seja excessivamente curto, por vezes escorregadio na sintaxe ou ligeiramente paranoico e sem intenção de catequizar seu leitor. O parágrafo, às vezes curto, encanta e o enredo, nos aparece muito instigante. O estilo surge comprometido pela ideia de propor um tom geral e simplório. Mas, são estes aspectos que tornam o livro precioso, curioso, com uma beleza sublime e sutil.

De fato, a ingenuidade dos protagonistas parece ser seu grande trunfo. Não se nega a beleza irresistível da presença da cultura popular, nem tão pouco se pode negar a beleza trabalhada nos discursos de classe média do subúrbio ou do interior.

Nevinha Pinheiro produz uma obra-prima ficcional. Uma combinatória de lendas nordestinas/folclóricas transpostas para uma área metropolitana (Rio de Janeiro). Deste modo, a justaposição de trechos em colagem, anedotas populares, incorporação de mitos, faz do

romance uma paródia, aludindo a esse processo de composição (justaposição), semelhante à forma musical.

Tudo tem um fio condutor do “negrinho malandro”, diabinho que segue pelos caminhos ensolarados do Nordeste na companhia do menino Jesus, iniciando um percurso que varia de brincadeiras a risadas. Vazado num fino humor ou puro deboche, a paródia resulta numa criação estilística madura.

Transcrevemos, a seguir, o trecho inicial da obra, onde está a chegada do “diabinho” nas terras nordestinas e sua primeira apresentação:

Diante deles se estende campo seco e queimado.
 - Estamos fazendo o caminho de volta, pai?
 O pai sorri condescendente.
 - Bobagem, filho.
 - E esse calor do inferno?
 - É o nordeste do Brasil. Estamos exatamente em uma zona situada no chamado polígono das secas.
 - Meu pai falou Nordeste do Brasil?
 - Esqueceu a geografia, filho?
 O pequeno fecha um olho e deixa pender a cabeça de modo pensativo.
 - Nordeste do Brasil... Nordeste do Brasil... Ah! Já sei, já sei, pai, é o lugar onde nasce o cangaceiro e repentista.
 - O pai torna a sorrir envolvido com a sagacidade do menino.
 Descansam. Apanham alguma coisa do farnel e comem em silêncio. Bebem café da garrafa térmica que o diabinho carrega debaixo de um braço. Continuam em direção ao centro da cidade interiorana, nordestina, para qual se dirigem naquela manhã de sol e calor.
 Mesmo deduzindo ser quase inútil intervalo ali, faz alto o velho diabo na entrada da cidade e derruba a trouxa no chão.
 Repousam por alguns minutos. O diabinho está exausto... é ainda criança e nunca fez percurso tão longo fora do inferno. Cansa fácil por ser gordinho e transpira em excesso. Na imensa cabeleira tem enterrado os chifres, duas ciosinhas de nada, causa, aliás, de tremenda preocupação para seu dedicado pai, que teme que eles fiquem travados e envergonhem a raça (PINHEIRO, 1978, p.9-10).

Percebemos um confronto da vontade humana com as alternativas que o Menino diabinho pode escolher por conta própria ou submeter-se a deliberação divina de seu pai. A linguagem falada proporciona um modelo indispensável para a definição de um modelo rítmico de possibilidades políticas e históricas, perguntas e respostas, incerteza da criatura e revelação intermitente dos desígnios do seu Criador, seu pai.

Robert Alter (2007) afirma que, “Deus criou o mundo com as palavras, foi a capacidade de usar a linguagem que desde o começo distinguiu o homem das demais criaturas; é com as palavras que cada qual revela sua natureza singular, sua disposição para estabelecer pactos com os homens e com Deus, seu poder de controlar os outros, de enganá-los, de se solidarizar com eles e lhes ser sensível” (ALTER, 2007, p.111).

A fala perfaz o substrato de tudo que ocorre de humano e de divino, isso acontece com os personagens diabinho e com Jesus em seu primeiro encontro. Ocorre entre os personagens uma troca de essências para que assim possam penetrar em seus substratos.

O primeiro encontro entre as duas crianças acontece após o encantamento do diabinho por uma residência antiga, portas enormes, totalmente abertas, placa de bronze em letras doiradas: DOMUS DEI:

- Como você veio parar aqui? Indaga o diabinho curioso e interessado na cena. A criança loira parece não ouvir.
- Porque você não fala comigo? Vamos brincar [...]
- Estavas me enganando, hem? – fala o diabinho piscando o olho. O garoto sorri sem entender.
- Malandro... malandrão... – torna o diabinho a falar.
- Tu, meu amigo, meu irmão, és de uma graça e de um encanto surpreendentes.
- E por que então tu não falavas comigo e nem te mexias naquela outra casa onde te encontrei?
- Eu? Aqui nessa cidade?
- Sim lá adiante...
- Mas eu não tenho saído para parte alguma [...]
- Quanto a me conheceres é um fato natural do planeta terra. É possível que me tenhas visto em efigie, há muitos por aí.
- Retrato, é?
- Bom... quase isso uma representação simbólica de minha pessoa.
- Ah...
- Sou representado por toda parte em fotografias, estátuas, pinturas...
- E eu também. Meu pai fala que há isso tudo de mim em vários lugares.
- Tu? Quem és tu então amigo? Por acaso és como eu reverenciado pelos homens? És nobre, e, sendo nobre, és primogênito, príncipe herdeiro?
- Sou.
- Tu? Amigo...
- Sou. Não vem me dizer que tu és também.
- Eu? Claro que sou. Eu sou o filho de Deus, uma das três pessoas da Santíssima Trindade (Pai, Filho, Espírito Santo) (PINHEIRO, 1987, p. 11-12).

Apresentando uma modalidade de narração tão dominada pelo discurso falado, é inevitável que elementos visuais sejam pouco representados. Mesmo em situações excepcionais em que a cena é concebida visualmente, a escritora articula relatando o que se vê por meio do que se diz. Esse encontro na “casa de Deus” entre o diabinho e Jesus é o princípio geral para se chegar à essência e penetrar no substrato das coisas apresentadas durante o evento narrativo.

Em primeiro lugar, a narrativa não permite o desvio de nossa atenção do diálogo propriamente dito. No princípio não sabemos como o diabinho e Jesus estão vestido e não sabemos que aparência têm. Assim, a cena é concebida como comunicação oral, “a partir do pressuposto de que tudo o que há de significativo num personagem, pelo menos em certo momento crítico da narrativa, pode ser expresso quase exclusivamente pela fala do

personagem” (ALTER, 2017, p.112). Mas, apesar da fala apresentar-se muito convincente ela não tem a intenção de ser completamente naturalista.

Portanto, o diálogo oscila entre estilização formal e mimese dramática revelando o personagem num instante exato de uma ação extraordinária. Os aspectos que caracterizam o modo do diabinho usar a linguagem tornam-se mais evidentes porque se contrapõem ao modo de falar de Jesus e vice-versa.

3.3 As aventuras de um diabinho na obra de Nevinha Pinheiro: “ A crucificação do Diabo”

Segundo Mikhail Bakhtim (1895-1975), toda escritura é leitura de um corpus literário anterior e pode ser entendido como “absorção e réplica a um outro texto...” (KRISTEVA, 1974, p.67), ou seja, a escrita é entendida como releitura de um corpus literário anterior.

Assim Julia Kristeva afirma que:

[...] a palavra literária não é um ponto (um sentido fixo), mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de diversas escrituras: do escritor, do destinatário (ou da personagem), do contexto cultural atual ou anterior [...] todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (1974, p.62-64).

Essas relações de textos entre si, essa mistura, faz com que o leitor desenvolva competências para manejar textos diversos até descobrir sua verdadeira origem e as possíveis contaminações que possa existir entre eles.

Influências textuais podem acontecer por meio de epígrafes, paráfrases, citações, paródias, sátira, etc. Isso é um fato que percebemos no romance ficcional bíblico: “A Crucificação do Diabo” (1978), de Nevinha Pinheiro.

Embora a obra apresente uma forte tendência para paródia, que segundo Hutcheon em sua obra “Uma teoria da paródia”, afirma que paródia é “uma forma de imitação caracterizada por uma inversão irônica. [...] É noutra formulação, repetição com distância crítica, que marca a diferença em vez de semelhança” (1985, p.17).

O livro também traz um misto de questionamentos, seria uma crítica religiosa? Uma crítica social? Uma abordagem folclórica? Ou talvez uma versão humorada da história de uma figura monstruosa, que em suas definições geralmente aparece com a intenção de assustar.

Segundo Nevinha Pinheiro, “a intenção era escrever uma sátira – e não afirmo que não seja – com laivos de humor e intenções outras...”. No entanto, para chegar ao produto final, foram escritas três versões, segundo relatos. Na finalização do romance, a autora já não reconhecia as primeiras intenções que estavam nos rascunhos. Alastrou-se uma mistura de ideias e o enredo foi tomando forma, os personagens ganhando vida e as histórias ganhando essências.

O livro passa várias sensações e interpretações, ora é apresentada uma defesa e valorização da mulher, percebemos em alguns momentos certo toque de deboche à sociedade de consumo e de repente surge um personagem tão forte e expressivo fazendo com que autora revelasse uma figura altamente ousada para sua época. Assim, ela utiliza uma forma de ironizar e vingar aquela estrutura religiosa estabelecida e organizada por “homens falhos” que para ela eram iguais aos demais em todos os sentidos. É dessa forma que surgem os personagens “diabinho” e “Jesus”, os quais se encontram para o começo das grandes aventuras:

O menino loiro se volta, levanta-se e caminha até onde se encontra o diabinho. É uma criança bela e tranquila. O diabinho travesso e extrovertido sem mais nem menos abraça o novo amigo, este rendido corresponde com ternura ao abraço carinhoso. Ficam os dois por longo tempo balançando-se naquela troca de afeto repleta de espontaneidade (PINHEIRO, 1978, p.12).

A linguagem usada é suave e a estrutura é simples, capaz de apresentar classificações e afrontar o sistema ortodoxo. De acordo com o que a própria autora se refere, o gênero presente sugere mais uma narrativa dialogal, onde ecoam com nitidez os sinos da infância, as experiências compartilhadas e a cultura vivenciada ao som vibrante das violas de cantadores, circuito este ao qual pertenciam seus familiares. Adorava repentistas e apesar de viver na cidade do Rio de Janeiro, Nevinha Pinheiro trazia em sua alma enraizada essa tradição nordestina.

A audaciosa Nevinha Pinheiro teria escrito um evangelho às avessas ou um cordel de 150 páginas? “Tudo pode ser encontrado no suave veneno ingerido nas minhas veias pela tradição de um povo rebelde-pacífico, pelo som da viola do meu tio Valdevino Fernandes de Lima, irmão de minha mãe, cantor e protestante...”.

Seu tio, era considerado uma vergonha para a família na época, por cantar o evangelho em versos de sextilhas e martelos. Era um homem sábio que memorizava em cantigas toda a genealogia dos seus avós até à quarta geração.

“A Crucificação do Diabo” proclamado pelos personagens “diabinho” e “Jesus” segue através de passagens do Novo Testamento. Essa intertextualidade presente na obra de Nevinha desenvolveu-se através de uma sucessão de acontecimentos em uma dada realidade social referente a um determinado tempo histórico.

Segundo relatos de sua irmã Dionée Pinheiro, “os personagens de fato existiram”, e a mesma afirma que, o personagem “diabinho”, foi um garoto pelo qual sua irmã tinha imensa admiração. O menino negrinho e espevitado vivia numa pensão próxima à sua casa. Dando a entender que tal diabinho passara em carne e osso por sua vida. Nevinha Pinheiro deu vida literária ao personagem da vida real. Assim como também deu vida literária a Zé preto (dono da venda de cachaça) e a seu Jucá Preá (caminhoneiro). Estes personagens que integram a obra de Nevinha, segundo relatos de sua própria irmã, também eram muito conhecidos na cidade de Serra Redonda.

A partir de então, através de registros da memória dos fatos cotidiano e com um mergulho na obra bíblica, Nevinha narra uma sequência de acontecimentos inusitados o que fará com que o leitor se debruce em sua obra por inteiro.

Em seu livro, a crítica literária Nevinha Pinheiro, apresenta um diabinho que não mete medo em ninguém, ele representa uma criança com características normais para sua idade, traquino, astuto, dinâmico, divertido, extrovertido e que de tão comum se torna humano entre as pessoas “– Será um dia meu substituto – fala o palhaço a brincar. – Eu tenho cara de palhaço? – E de muito mais! Riem e fazem planos futuros” (p.83).

Ela apresenta um diabinho que também possui gratidão e que age algumas vezes desinteressadamente com relação ao seu amigo Jesus que deixa transparecer em suas andanças a sua afetividade, sua amizade e coragem “... vamos sair depressa, eles podem querer nos agarrar... Puxando Jesus por um braço, sai numa corrida descontrolada, na qual as dores dos seus calcanhares e a inchação dos dedos de Jesus são menos fortes que o terror de serem presos pelos homens...” (p.41).

Um fato interessante é a relação da figura diabinho, criança astuta e inteligente, que consegue adentrar no substrato do menino Jesus e transformá-lo numa criança que brincou e participou das peripécias do garoto “malandro”. Jesus assim como o diabinho aprontou, correu, curtiu e sentiu a vida passar-lhe por entre os dedos, sofreu e amou.

Através do personagem diabinho, um garoto que não tem papas na língua, Nevinha Pinheiro parece externar tudo aquilo que lhe é censurado pela sociedade, bem como contestar as verdades socialmente não aceitas. A autora ignora a imagem tradicional do personagem enquanto ser maligno e o remonta às avessas, como um ser benevolente tornando-o melhor

amigo do menino Jesus, conhecido por sua bondade e generosidade “...acha-o esquisitíssimo! Porém...fascinante, sincero encantador...” (p.24).

Esses dois garotos seguem numa aventura fascinante, encantadora. Percorrem ruas, estradas e vielas, adentram no íntimo de todos os personagens secundários, brincam com a Velha Chica, senhora contadora de fabulas, sentindo uma sensação puramente humana, fogem apavorados, numa correria desenfreada da carona dos caminhoneiros logo após uma desconfiança e pavor da possível descoberta de sua identidade demoníaca “...ele é o cão... o diabinho foge numa corrida desenfreada... – Que nada esses paus-de-araras são uns idiotas... Depressa. Vamos correr” (p.40)

Suas peripécias seguem com o roubo de cavalo até tornar-se uma figura pública, chegando a ser atrativo turístico na sua cidade, o que sucede logo após tantas andanças e divertidas aventuras é a sua crucificação, para que assim aconteça a ressurreição tornando o “diabinho” numa Fênix mitológica, levantando voo com suas incríveis asas. “Ele é vivo, não morreu, é um fato”.

3.4 A narrativa de Nevinha Pinheiro

De acordo com Câmara Cascudo o livro de Nevinha Pinheiro, “A Crucificação do Diabo”, é “original”.

Talvez, a indicação desta originalidade se dê porque a autora reforça certa estabilidade numa verve menos cristã uma vez que produz uma narrativa fundamentada e inspirada a partir de uma reivindicação política que permeia uma via que critica o social para colocar em cena a realidade vivida dentro do polígono das secas, “poderoso” é outra expressão utilizada por Cascudo para discernir a força da qualidade da obra de uma mulher que desejava falar muito mais do que lhe era permitido, “poderoso” porque a narrativa do seu livro propõe colocar em xeque a versão mais poderosa, a história tradicional dos herdeiros dos donos do mundo em cuja abordagem aparece uma versão que inverte o poder do protagonista Jesus ao submetê-lo ao poder do diabinho onde ambos, crianças, enfrentam todas as dificuldades do mundo humano, “poderoso” porque Nevinha traz um diálogo que mexe com a ordem canônica dando a chance de haver um encontro e uma vivência, ombro a ombro, entre os cânones da fé cristã, “de revolta” porque como diz a escritora Dionée Pinheiro, “Nevinha Pinheiro fora católica efervescente” e que em determinado momento de sua ascensão intelectual se revoltara contra a religião católica passando a questionar vários dogmas, e, que, talvez por isso mesmo tenha confrontado os trâmites religiosos tradicionais constituindo uma obra que recompõe a

narrativa da crucificação de Jesus, colocando agora em cena, uma nova crucificação, sendo agora a crucificação do próprio diabinho, sob o acompanhamento do menino Jesus, “entendimento e ternura”, duas expressões que de fato configuram o perfil de uma obra criada dentro do polígono das secas, lugar de sofrimento, de injustiça, de fome e talvez por isso tenha tentado fazer dos baluartes do paraíso e do purgatório, dois seres humanos tomados por ternuras.

Desse modo, seu “entendimento” sobre os paradigmas da fé indica um novo caminho para uma nova reflexão sobre a infância de Jesus ao lado de um diabinho e “ternura” na promoção de um encontro que vem demarcar certa intimidade que assola sua repugnância humana ao imaginar uma vivência mais humana entre Jesus e o Diabo, onde um ensina ao outro a encontrar um rumo mais humano para os seus crescimentos pessoais, para os seus destinos. Câmara, por fim, indica o romance de Nevinha como “fora do trânsito dos romances habituais”, sobretudo porque na narrativa de Nevinha repousa uma vertente que indica de que lado a escritora está para pensar a sociedade brasileira, a sociedade cristã.

Destarte, Câmara ao conhecer a obra de Nevinha viu no seu enredo uma vertente inovadora para o romance de sua época, sobretudo porque seu romance acaba sendo uma espécie de paródia e que encampa certa ambivalência entre a ficção e a realidade. O romance de Nevinha acrescenta várias inovações demarcando a presença de uma narrativa que não propõe uma data para localizar o tempo do romance, característica tão peculiar às obras dentro dos trânsitos convencionais da estrutura dos romances em vigor na época. Este “fora do trânsito” foi o que mais chamou nossa atenção por percebermos no romance a presença de capítulos breves.

“A Crucificação do Diabo” é uma obra que dialoga com a tradição bíblica, parodiando, de forma cômica, o texto sagrado da história sobre a vida de Jesus. Nesta obra, a narrativa apresenta uma história fictícia com inversões de valores, o diabinho, personagem principal, aparece desde sua infância até sua crucificação, muito próximo do menino Jesus que aparece presente do seu lado durante toda a narrativa. Percebemos um paralelo entre as duas histórias e os dois personagens. Uma importante observação é o reconhecimento que o narrador tem com as duas crianças, ele sempre se refere como os “herdeiros”, sendo um maligno e outro divino.

O personagem diabinho é caracterizado como uma entidade da narrativa que cumpre o papel de protagonista mais importante da história. O personagem possui uma singularidade que consiste em protagonizar a narrativa a partir de suas “características” negativas com relação ao seu amigo “Jesus”. Sua conduta ética e moral é, de certo modo, “desqualificada”,

suas ações movimentam a história a partir de uma posição de desvio em relação a padrões de condutas estabelecidas e aceita na sociedade.

O diabinho na verdade representa, com suas características físicas e psicológicas, muito além de um personagem “malicioso”, sagaz, representa toda uma perspectiva crítica sobre a religiosidade e cultura nordestina.

Nesse sentido o diabinho é ironicamente um personagem “descaracterizado”, ou melhor, uma figura estranha que aglutina em sua personalidade traços que formam, de maneira geral, um personagem que representaria a pluralidade da cultura nordestina. Ao mesmo tempo, esse personagem representa uma crítica aos modelos de conduta religiosa. Diabinho, ironicamente e de forma cômica se apresenta de uma forma muito inteligente, é o personagem que caracteriza a complexidade das relações culturais e religiosas da região nordeste.

Na obra “A Crucificação do Diabo”, os protagonistas diabinho e Jesus se apresentam como uma entidade na narrativa literária e em função de seus traços psicológicos, morais e sociais, têm a consagração em suas transformações culturais.

Nesse sentido, as duas crianças apresentam caracteres ou traços “desviados” de um determinado padrão de conduta tido como ideal. Esses perfis que a autora cria para os personagens geram uma forte crítica às complexas relações de poder e de conduta frente às culturas e comportamentos de grupos religiosos ou mesmo da sociedade cristã como um todo.

A estrutura do romance apresentado por Nevinha Pinheiro, “A Crucificação do Diabo” (1978) é constituída por uma estrutura linear, no qual os fatos vão sendo apresentados ora por fora, ora por dentro de uma sequência cronológica.

O enredo vai acontecendo ao longo da história, do começo para o fim, com muitas surpresas para o leitor.

Em alguns trechos, há a presença de fhasback, com curtas interrupções no contar, para que se volte a um tempo passado para se explicar fatos ocorridos com outros personagens. Essa técnica recebe o nome em teoria literária, de analepse, ou seja a paralisação de um movimento de sequência cronológica, a quebra de uma sequência para a intercalação de fatos acontecidos em momentos anteriores numa abrupta ruptura com o projeto temporal.

Isto está presente na (p.33), cujo título do capítulo quinto é: NO RESUMO DA HISTÓRIA CONTADA PELA PRETA VELHA OU A LENDA DO CORCUNDA”; “(...) com seus resmungos e queixas contava coisas de outrora” onde lhe imploravam: “Velha Chica, conta histórias”...ou no capítulo décimo no qual persiste esta quebra que vai aparecer mais uma vez na (p.55) sobre o título: VERSÃO CORRETA – SEGUNDO O DIABINHO –

DA COMPRA DE UM FAQUEIRO DE AÇO INOXIDÁVEL PELO PAU-DE-ARARA JOCA GONÇALVES NO RIO DE JANEIRO, EM COPACABANA: “Pobre Joca, que sacrifício inenarrável fizera para aos chamativos anúncios espalhados por toda a parte na bela cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro...mal recebera o salário de abril saíra Joca na hora do almoço a fim de comprar o presente...”(p.55).

Todas as quatro testemunhas arroladas no processo que envolve o diabinho, do capítulo vigésimo quarto ao capítulo vigésimo sétimo, em seus depoimentos remontam algo acontecido no passado... Sobre a testemunha I a narrativa demonstra: “... Inácio conta a Juca a história do menino-diabo desconfiado e curioso da reação do amigo” (p.119), a testemunha II relembra: “Foi lá na casa dela, ela falou pra mãe esta história outro dia...” (p.123), na sequência na (p.126) a narrativa demonstra que a testemunha III “ajudado pelo patrão, o pequeno narra a cena do roubo do cavalo Pirgaço por um diabo de verdade, preto e gordo que nem um porquinho baé...”, e, por fim, a testemunha IV na (p.129), perde-se em sua própria fala por ser tida como mentirosa, é engolida pela narração: “... sujeito pilantra, chega diante dos homens dizendo ter visto o guri em lugares os mais disparatados”, “(...) numa tarde de domingo em praia famosa do nordeste frente a certo hotel de luxo...”, “bebendo cachaça numa bodega de beira de estrada”, “Na feira de água doce”.

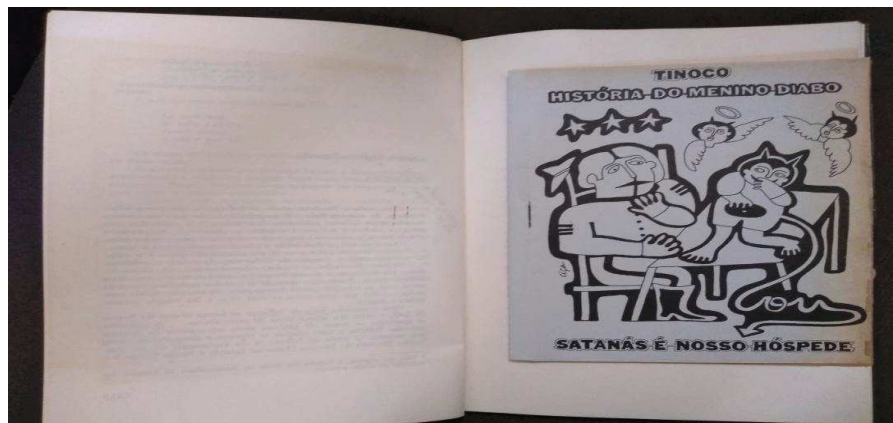
Assim percebe-se que este é um recurso que a autora utiliza para estabelecer uma quebra na sequência cronológica e colocar seu leitor em viagem permanente com as coisas do passado.

No que diz respeito aos personagens, a autora põe o leitor a par de toda história, informando sobre suas localizações geográficas, sobre suas transições e transformações, sobre suas metamorfoses, sobre suas aventuras até o chegado momento de sua prisão, condenação, desaparecimento, crucificação, ressurreição e passagem para a eternização.

Conforme os acontecimentos vão se passando na narrativa, alguns personagens vão quebrando a sequência linear e o leitor vai se deparando com uma nova forma de ler o romance e, principalmente, de ir construindo sentido na história através de pistas e informações diluídas ao longo da narrativa.

4 UM FOLHETO DE CORDEL SOBRE: a história do menino diabo

Figura 5 – História do Menino diabinho



Fonte: A crucificação do Diabo (1978).

A obra de Nevinha Pinheiro demarca-se como um marco no encontro do romance com a literatura de cordel.

Entendamos literatura de cordel como uma manifestação que tem como característica principal a oralidade em seus elementos da cultura brasileira. A poesia e a prosa presentes no cordel representam a continuidade dos avanços iniciados por uma autora que demonstra nitidamente rupturas com a retomada de algumas ideias de uma geração passível influências. Assim “do ponto de vista da forma, poetas e prosadores reutilizam a proposta estética desenvolvida pelos autores da década anteriores em relação ao verso livre, a poesia sintética e a prosa regionalista com conotação brasileira, e com a presença de personagens, ambientes e fala do povo” (FREIRE, 2013, p,18).

Como deixamos claro o romance se opõe ao cordel ou vice-versa, e Nevinha faz esta junção colocando o cordel não apenas como um livro dentro romance, mas como um capítulo pronto pra constituir a sua trama. O encarte do cordel no romance é uma inovação sem precedente.

Não queremos com isso dizer que o romance não exista dentro da literatura de cordel ou que o cordel seria uma coisa isolada do romance, mas é de praxe encontrarmos cada um no seu quadrado.

O cordel dentro de sua labuta independente para sobreviver e o romance com todo seu aparado gráfico elitizado lutando com unhas e garras também para não morrer.

Nevinha consegue estabelecer um diálogo entre as duas categorias literárias colocando dentro da estrutura de seu romance de ficção um folheto de cordel o qual corresponde a um dos capítulos do livro, mais precisamente o capítulo vigésimo segundo, cujo título é FOLHETO, “... nas feiras, nos mercados, nas praças e jardins o folheto é vendido e cantado...”, “uma verdadeira feira de folhetos se forma diante do retiro de satã, o autor dos versos canta de peito aberto...” (p.113).

5 CONCLUSÃO

A literatura contemporânea é um movimento com grandes vertentes de questionamentos e poder de inovações. Esse poder se movimenta a partir do que afirma Marshall Berman “Tudo que é sólido se desmancha no ar”. Para concordarmos com essa definição basta observar as experiências do outro, olhar para si, olhar para o universo, as produções artísticas, as literárias, para percebermos que tudo está em constante modificação. O pós-moderno pode ser visto como uma desconstrução do tradicionalismo, é a busca de uma perspectiva crítica diante da realidade. Na verdade, no pós-moderno tudo é rápido, provisório, passageiro, nada é eterno e completo. Foi pensando assim que a autora Nevinha Pinheiro escreveu sua obra, não pensando numa ordem concreta, nem numa desordem, para só assim, questionar as estruturas sociopolíticas.

A obra que apresentamos com breves questionamentos está dentro de uma ordem que ora percorre uma via frenética, ora passeia por uma avenida empolgante e instigante. “A Crucificação do Diabo” (1978), publicada pela editora moderna, é sem dúvida, uma representação da vida contínua e ininterrupta de experiências vividas em situações comuns, no ambiente do polígono das secas do nordeste brasileiro. Em determinado momento a obra transveste-se de paródia para nos arrancar risadas e sua ironia nos leva à percepção de uma denúncia sobre as crises enfrentadas pelo povo numas das regiões mais pobres da federação. A obra, ora irônica, ora cômica, apresenta um toque de devaneio que passeia por entre o erudito, o intelectual e o popular com pensamentos pertinentes, repleta de reflexões capazes de despertar os mais variados interesses dos seus eleitores.

É notória a necessidade de se estabelecer um reconhecimento de espaço para a escrita de mulheres que de fato produzem literatura brasileira. Além disso, pela obra ser de autoria de uma autora paraibana faz-se veemente a necessidade de se estabelecer maior atenção a esta produção com a finalidade de acrescentar e estabelecer uma maior aproximação entre o leitor e a obra produzida por autores paraibanos. Nevinha produz uma obra que traz à baila uma

contribuição para uma reflexão sobre os discursos religiosos, sociais e políticos. Por isso, propomos uma intervenção pedagógica no ensino médio cuja finalidade seja além de incluir sua obra nesta referida série nos programas dos conteúdos de Língua Portuguesa, Literatura e Artes, por entendermos que a obra está repleta das mais diversas possibilidades de discussões e análises em torno do sagrado, do profano, do divino, do demoníaco motivando, sobretudo, a prática da leitura sobre os mais diversos temas que a obra encampa.

THE CRUCIFIXION OF THE DEVIL: THE NARRATIVE OF NEVINHA PINHEIRO IN FOCUS

ABSTRACT

Ostmodernism is present in this article as a social movement, converging its various characteristics and instances. In contemporary literature, we will approach peculiarities and singularities characteristic of a writer who adopts a classic fictional novel style centered on aesthetics. Parallel to this discussion, the importance of contemporaneity and research directed to new writers is raised as a way of stabilizing and giving voice to their literary presence. Women's literature is conquering places that were previously unknown, the scope in the literary field is of fundamental importance so that previously unknown works, reach an increasing public, making writers away from the great centers have the opportunity to publish their works. In this way, this article seeks to reflect on a female literary production and, above all, also seeks to analyse ruptures in the traditional structure of biblical narrative present in the work "The Crucifixion of the Devil" (1978), Nevinha Pinheiro. The reflections presented here are based on concepts defined by postmodernity theorists, as well as by the Critical Feminine Theory, highlighting socio-cultural aspects, systematized from the mode of representation of gender and the construction of feminine identity. Also approaching aesthetic aspects, in which narrative is presented as one of the main strategies of postmodernism of subversion and problematization and limitations of literary representation.

Keywords: Literature, Contemporary, Paraíba, Crucifixion and Devil.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da Literatura**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1976.
- ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. Trad. Vera Pereira – São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão da biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina. **Usos abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 185.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbrido** – Estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CHARTIER, Roger. Introdução. **Por uma sociologia histórica das práticas culturais**. In: - A história cultural entre práticas e representações. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Trad. Andrea Daher e Zenir Campos Reis. Estudos Avançados. São Paulo, v. 5. n. 11, jan – abr. 1991.
- CHIAMPI, Irlemar. O romance latino-americano do pós-boom se apropria dos gêneros da cultura de massas. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. V.3. n° 3, 1996.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Contemporânea: um território contestado**. Vinhedo, Belo Horizonte / Rio de Janeiro. Editora da UERJ, 2012.
- FREIRE, Antonio de Brito. **A escrita do nome e da voz: Sócrates e Meleto na apologia de Sócrates** - 2016. 245 p.
- FREIRE, Antonio de Brito. **Literatura brasileira III**. Campina Grande: EDUEPB, 2013.
- HOBBSBAUM, Eric; TERENCE, Ranger. (Orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.
- JAMESON, Frederic. **Espaço e imagem: Teorias do pós-moderno e outros ensaios**. Trad. Ana L. Gazoela. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.
- JAUSS, Hans Robert. **A literatura como provocação. História da Literatura**. Trad. Teresa Cruz. 1. ed. São Paulo: Passagem, 1993.
- JUSTINO, Luciano Barbosa. **Literatura de multidão e intermedialidade: ensaios sobre ler e escrever o presente**. Campina Grande: EDUEPB, 2015.
- KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semianálise**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo; BRANDÃO, Eli; FERRAZ, Salma; LEOLPOLDO, Raphael Novaresi Leopoldo (Orgs). **O demoníaco na Literatura**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

PASSIANI, Enio. **Na trilha do Jeca**: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil. Bauru, SP: Edusc, 2003.

PINHEIRO, Nevinha. **A Crucificação do Diabo**: romance / Nevinha Pinheiro – São Paulo: Ed. Moderna, 1978.

TAVARES, Edson. **O nome do autor**: o caso José Condé. - 1. ed – Curitiba: Appris, 2017.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Definições e distinções** - Teoria da literatura. Publicações Europa. América, 1983.